

## A EXPRESSÃO JUDAICA NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR

NELSON H. VIEIRA

Zero Hora, RS, 17 de dezembro de 1988

Apesar de Clarice Lispector ser judia, ela nunca quis ser considerada como uma escritora judia nem aderiu à comunidade judaica no Brasil. Ela era, antes de tudo, uma autora brasileira e se irritava com aqueles que duvidassem de sua cidadania brasileira, sobretudo quando lhe chamavam a atenção ao seu nascimento na Ucrânia, implicando que nascida no exterior negava ela ter uma alma brasileira mesmo que tenha chegado ao Brasil como bebê. Ela não negava ser judia, mas como escritora desejava ser conhecida como brasileira. Não se tenciona aqui apresentar Clarice Lispector como uma escritora judaica, pois se sabe a sua posição sobre este assunto, aliás nitidamente clara num artigo que apareceu no jornal *O Globo* um ano antes de sua morte.

“Eu sou judia você sabe. Mas não acredito nessa besteira de judeu ser o povo eleito de Deus. Não é coisa nenhuma. Os alemães é que devem ser porque fizeram o que fizeram. Que grande eleição foi essa, para os judeus? Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto.”

Como visão literária era a cultura brasileira que predominava como veículo para o desenvolvimento da sua prosa que, afinal de contas, atingiu um nível internacional ou universalista. Em outras palavras, o caráter universalista de sua escrita revela dimensões para além dos parâmetros de um só grupo étnico. Por isso, a obra de Clarice Lispector é um testamento ao seu calibre nacional, internacional e modernista como escritora que aproveitava de tudo ou adaptava aquilo que pudesse ser investido na criação de sua prosa original. Deste ponto de vista, nota-se através de sua linguagem mística e espiritual mais o seu interesse por uma temática evocativa da Bíblia, sobretudo o Antigo Testamento, uma certa afinidade com a literatura e a cultura hebraica. O seu emprego de mitos judaicos reflete também uma intuição com a cultura e o pensamento hebraico, evidente no seu último livro, *A Hora da Estrela* (1977). Esta novela, repleta de tom e filosofia judaicas, parece ser um tipo de resposta ou um testamento ao seu implícito judaísmo. Pois esta narrativa é uma adaptação da história apócrifa dos macabeus ao mundo contemporâneo, representado pela cidade do Rio de Janeiro onde a sua heroína Macabéia, uma pobre menina nordestina, se torna o símbolo dos zelotas bíblicos - os Macabeus. Além disto, o narrador da novela, um escritor burguês que procura entender a inócua figura da Macabéia, se lança em verdadeiro estilo Talmúdico, num discurso analítico de autoquestionamento sobre tais temas como identidade, resistência passiva, auto-realização, conflito, repressão e, por cima de tudo destino, assim evocando a importância de reconhecer dentro do homem e da sociedade o poder vibrante de mitos tradicionais perante a complexidade esmagadora do mundo contemporâneo.

A comparar o paradigma de um específico mito hebraico, como os Maca-

beus, com a versão modernizada e desenvolvida por Clarice Lispector, pode-se delinear ou traçar o papel de arquétipos judaicos na composição temática de sua ficção, ao mesmo tempo adquirindo um conhecimento da sua visão da sociedade moderna brasileira (uma visão que era normalmente ausente de sua obra, segundo acusação de muitos críticos que mal interpretaram os seus livros). As figuras que se relacionam mais a esta novela são os opressores, os oprimidos e os mártires. O desenvolvimento lispectoreano da história bíblica dos macabeus, sugerida no nome de sua heroína Macabéa, revela esta inclinação judaica, no esquema de sua narrativa onde são dramatizados os conflitos sociais, ilustrando como é resistente o espírito humano perante as forças de repressão social num país como o Brasil.

As aventuras dos Macabeus, um grupo de zelotas cujas façanhas e lutas pareciam ser sem esperanças contra o poder dominante dos gregos, são narrados nos livros secretos da Bíblia, especificamente nos Livros dos Macabeus. A história dos Macabeus tem lugar entre a reconstrução do Templo e a época antes de Cristo (175-134AC). Durante a campanha para helenizar os judeus, o Rei dos gregos, Antíoco Epifanes, dessacralizou o Templo no Monte Sion, proibiu a leitura da Torá e a prática de ritos religiosos a fim de impor a sua crença pagã. Com Jerusalém sob o domínio deste rei, aqueles que eram fiéis a um só Deus foram perseguidos. Segundo Elias Bickerman no seu livro *O Deus dos Macabeus*: "Era a fidelidade dos mártires teimosos, a coragem dos Macabeus que salvaram para os judeus e para a Humanidade, o princípio do monoteísmo"(2). Desobedecendo a ordem do rei, os Macabeus recusaram reconhecer a proibição de leis judaicas e a instituição de uma vida pagã. Forçada pelo rei, a crença do deus Zeus Olímpico tinha como objetivo o fim do isolamento dos judeus perante o resto da população. Enquanto muitos judeus acabaram integrando-se na nova cultura e seguindo a nova religião, os Macabeus continuaram fiéis à Lei de Moisés. Como uma luta religiosa entre ortodoxos e reformadores, o movimento macabeu era sobretudo uma guerra civil entre estes dois.

Acredita-se que Clarice Lispector conhecia bem a história popular dos Macabeus porque sua novela contém muitos paralelos temáticos com o drama dos zelotas bíblicos. Era muito provável que ela tivesse aprendido muito da cultura judaica do seu pai, que lia diariamente a Bíblia. Esta narrativa revela um tom bíblico e irônico, relembrando a ideologia de questionamento que se relaciona com o pensamento da herança hebraica.

Na novela, Macabéa, uma virgem de 19 anos que é economicamente pobre e socialmente reprimida, emigra do Nordeste para o Rio de Janeiro como fazem milhões de carentes. Parcialmente alfabetizada, esta moça ingênua não parece pertencer ao mundo modernizado do Sul. Ela não tem identidade nem força para batalhar contra as injustiças deste mundo. Mas na sua simplicidade e na sua teimosia, ela aguenta passivamente os conflitos e formas de opressão que a vida coloca no seu caminho. Não consciente de ser vítima da repressão sócio-econômica que aflige todos os pobres do Brasil, Macabéa aceita tudo porque ela desconhece outra maneira de ser. Ela simplesmente existe, resistindo passivamente como os macabeus que no seu tempo eram considerados tolos na sua teimosia perante os gregos poderosos. Ela não é adepta a viver num mundo capitalista e tecnológico, numa sociedade de consumo onde todo o mundo luta para ter sucesso. Este mundo de escravidão moderna poderia ser interpretado como uma espécie de cativeiro materialista. Ela era "uma moça numa cidade toda feita contra ela"(19).

A fé ou fidelidade na sua própria pessoa encontra o seu equivalente na fidelidade manifestada pelos Macabeus à Lei de Moisés. Ela não se adapta a um mundo materialista onde mentira, infidelidade, falsidade, e corrupção predominam.

Na tradição folclórica brasileira do cordel, oriundo do Nordeste (onde a Clarice passou a sua infância), a Macabéa representa a qualidade de **firmeza** em oposição à **falsidade** do mundo. A sua fé intuitiva e teimosia se opõem às almas perdidas que ela encontra nas ruas do Rio.

Para fazer contraste com a firmeza da Macabéa, o narrador introduz um namorado chamado Olímpico de Jesus, também no Nordeste. Mas esta figura desonesta já é seduzida pela sociedade de consumo e preparada a subir na vida, custe o que custar. A vontade de ser rico da parte de Olímpico é simbolizada pelo seu dente de ouro, fazendo lembrar como os judeus foram avisados contra uma vida materialista no **Segundo Livro dos Macabeus, 2:2**: “E não deixassem seus pensamentos se extraviar, quando vissem ídolos de ouro e de prata e os ornamentos que os revestem”. O passado infame de Olímpico, pleno de crimes e outras desonestidades, sublinha o seu materialismo e a sua falsidade. O seu comportamento pagão, junto às implicações grandiosas do seu nome, mais a semelhança deste nome a Zeus Olímpico, fazem o leitor aperceber como Clarice Lispector adaptou um mito antigo e o transformou numa tragédia moderna brasileira. É justamente o que o narrador sugere quando ele diz “Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica”(38)

Os paralelos entre esta protagonista moderna e a figura dos macabeus demonstram a afinidade ontológica que Clarice Lispector tinha com a cultura judaica. Além disso, **A Hora da Estrela** é um testemunho ao seu olhar oblíquo mas comprometido com a vida social brasileira e à sua nítida percepção desta cultura que ela tanto amava. O livro também revela que Clarice Lispector reconhecia profundamente a sua origem judaica.